



## **POR QUE FALAR SOBRE MULTISSÉRIE?<sup>1</sup>**

**Beatriz Souza Barral**

Mestranda em Educação

*Universidade Federal de Juiz de Fora, [bsbarral@gmail.com](mailto:bsbarral@gmail.com)*

**Dileno Dustan Lucas de Souza**

Doutor em Educação

*Universidade Federal de Juiz de Fora, [dilenodustand@gmail.com](mailto:dilenodustand@gmail.com)*

**Resumo:** Um desafio para as escolas do campo é a distribuição de alunos em salas multisseriadas. Que é o nome dado às turmas cuja constituição possuem crianças de idades e níveis de aprendizagem diferentes sobre a responsabilidade de um professor (a). Em uma mesma sala de aula têm-se crianças de anos de escolarização diferentes. Esta organização é motivo, em alguns casos, de questionamentos negativos de famílias, professores e gestores. Mas será realmente multissérie um problema? Há muitas pesquisas e dados estatísticos que confirmam o fracasso do sistema seriado adotado como padrão hegemônico para atender aos interesses do capital. No entanto, a multissérie está sendo a cada dia invisibilizada apesar de existir desde o início da escolarização no Brasil. O objetivo aqui é registrar, analisar e divulgar os aspectos positivos das multisséries baseados nas práticas pedagógicas das professoras da E.M. Francisco Augusto de Oliveira, defendendo-as como território de resistência das comunidades rurais.

**Palavras-Chave:** Multissérie, Educação do Campo, Escola do Campo

### Introdução

Multissérie é o nome dado às turmas que em sua constituição possuem crianças de idades diferentes e em níveis de aprendizagem diferentes sobre a responsabilidade de um professor (a). Em uma mesma sala de aula têm-se crianças de anos de escolarização diferentes. Exemplo: 1º e 2º ano juntos em um mesmo espaço. Estas salas se fazem presentes, sobretudo no meio rural brasileiro e são motivos de alguns questionamentos negativos de famílias e professores/as, mas será a multissérie realmente um problema?

A E.M. Francisco Augusto de Oliveira, lócus desta pesquisa, está situada na comunidade rural de São Domingos, município de Lima Duarte, Minas Gerais. Nesta região há por volta de 800 habitantes espalhados em nove comunidades atendidas pela escola.

Este é o registro inicial da pesquisa em andamento para a conclusão da dissertação de Mestrado em Educação, cujo objetivo é pensar a multissérie. Com registros e análises dos

---

<sup>1</sup>Parte do projeto de pesquisa para constituição da dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFJF)



resultados de trabalhos positivos nessas turmas, com a intenção de trazer elementos teóricos baseados nas práticas pedagógicas das professoras da E.M. Francisco Augusto de Oliveira, a fim de aprimorar a construção e a implementação de subsídios educacionais para essa realidade escolar do campo, defendendo-as como território de resistência das comunidades rurais. E pensando-a como forma de quebrar o paradigma da seriação, presente até mesmo na denominação “Multisserie”.

Na primeira reunião com os profissionais dessa escola, foi apontado, como um dos problemas enfrentados pela instituição, a multisseriação da Educação Infantil e das turmas anos iniciais da Educação Fundamental. Nas inúmeras conversas registradas em meus diários de campo, verificou-se a angústia das professoras, preocupadas com a formação dos alunos e com receio de estarem prejudicando-os. As professoras, por falta de formação, trabalham com turmas multisseriadas na mesma lógica da seriação. O grande problema é que não se sentem capacitadas e nem valorizadas para exercerem desta forma sua função docente e por isto ficam inseguras e desgastadas. Deste modo a necessidade de refletir sobre a organização da sala de aula, da importância da escola para o território e territorialidade das comunidades e o registro das práticas bem sucedidas nestas turmas.

Os gestores municipais não sabem responder o porquê consideram as salas multisseriadas piores do que as seriadas.

### **Desenvolvimento**

A multisseriação incomoda, mas a única solução que os gestores percebem é nuclear as escolas para que as turmas se tornem seriadas, mas se contradizem com a própria fala “mesmo na seriação há crianças de vários níveis de desenvolvimento.” dita pela Secretária de Educação em dois mil e dezesseis. Ou seja, não é a qualidade da educação que orienta estas ações.

Pensando na seriação nas escolas públicas mineiras, temos em uma mesma sala de aula crianças com a mesma idade, mas com níveis de aprendizagens diferentes. Então, apesar da idade similar, cada criança, influenciada por suas vivências fora da escola demonstra um grau de aprendizagem.

Desde que foram adotados os ciclos de aprendizagem e como se estes se resumissem em progressão automática, as classes são cada vez mais heterogêneas nos níveis de aprendizagem. A organização, que continua com a estrutura seriada, tem atendido com eficiência as demandas por uma educação de qualidade, que a qualifica como parâmetro a ser reproduzido?

Contudo, as escolas do campo que se organizam de forma multisseriada estão oferecendo aos pesquisadores, profissionais e gestores educacionais um campo de estudo propício para



encontrarmos soluções para os problemas de deficiências de aprendizagem presentes em todo o sistema escolar brasileiro. A organização seriada é um fracasso, pois é excludente e hierárquica, a organização em ciclos continua seguindo a lógica da organização seriada, pela falta de uma política educacional adequada às crianças com dificuldades no processo de ensino e mesmo a diversidade educacional. A multisseriação tem sido uma forma diferenciada de organização que oferece maior tempo para as crianças aprenderem os conteúdos, que nos anos iniciais são complementares. Não obstante é preciso pensar uma forma diferenciada na organização do espaço, do tempo e do trabalho pedagógico com essas turmas.

No sistema seriado o currículo é construído como se o saber fosse algo linear, trata-se os seres humanos como homogêneos, todos com o mesmo tempo de formação. Então, o que verificamos são práticas de educação bancária, com conteúdos sendo despejados, sem trocas entre os docentes e discentes, e de acordo com o que está proposto na matriz curricular de determinada série, sem considerar se o/a(s) aluno/a(s) estão preparados para compreender determinado aprendizado, se apreenderam o currículo da série anterior.

Nas turmas multisseriadas a aprendizagem ocorre do mesmo jeito, ou seja, em nenhuma turma ocorre o desenvolvimento igualitário de todos os discentes, sempre há as diferenças e dentro do multisseriado a professora segue com os que estão mais adiantados e volta os conteúdos não apreendidos pelos demais. Há um tempo maior para a criança cumprir as competências propostas, os mais adiantados auxiliam os demais e o número reduzido de alunos permite uma atenção especial para todos.

Por outro lado é preciso considerar a desvalorização das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil e sobre a nucleação de escolas

[...]E que trabalham mais e ganham menos, apenas 1 salário, os professores do fundamental II ganham mais. Ela não concorda porque também tem curso superior, especialização, faz um trabalho diferenciado, mas continua sendo tratada como a “professorinha”. Com muito descaso e isto a incomoda muito. Que quando ela diz multisseriação, o discurso foi para aumentar o salário e já se passaram 10 anos e isto não ocorre, que ela esta cansada disto tudo, que representa na verdade um pouco caso enorme do executivo com a educação.

O que aconteceu em Lima Duarte confere com a realidade rural do país. Com o processo de municipalização na década de 1990, os municípios assumiram uma responsabilidade sem poder arcar qualitativamente com o serviço educacional. O governo federal e estadual auxilia com



recursos para o transporte escolar, por isto a nucleação das escolas rurais veio a ser a solução destes gestores. Para convencer os profissionais e familiares o discurso era que com menos prédios escolares e menos funcionários haveria um investimento na qualidade do serviço oferecido. Há grande revolta no município, pois a valorização do profissional da educação até hoje não ocorreu e o que chama a atenção são alunos das zonas rurais que a partir de quatro anos enfrentam longos trechos de ônibus, estes não são adequados para o transporte com segurança, sem contar o desgaste físico, emocional e intelectual dessas crianças. Então, a argumentação passada não convence mais os profissionais e os familiares. Sabemos que o que move o poder executivo nesta ação é a economia com a folha de pagamento, pois educação é considerado gasto e não investimento, na reunião do conselho do Fundeb o contador demonstra os relatórios com as despesas das folhas de pagamento prestando contas que a prefeitura já investe o que é exigido por lei na educação. E a solução que apresenta é a nucleação de escolas.

Embora a nucleação tenha ocorrido sob o argumento de elevação da qualidade do ensino com a concentração dos alunos e a separação em turmas seriadas, de acordo com as idades e níveis de escolarização, isso não se verificou. O que aconteceu foi uma redução no investimento na educação dos trabalhadores do campo e a substituição das escolas/classes multisseriadas pelo transporte escolar, de condição precária, trafegando em estradas mal conservadas. Daí conclui-se que esse processo teve como motivador central o financiamento da educação, desconsiderando as questões pedagógicas, sociais e culturais, sobretudo, reafirmando os interesses do capital na gestão da educação pública brasileira, sob a pecha das reformas neoliberais. (JANATA e ANHAIA, 2015, P. 691)

Ou seja, nessa decisão não avaliam os fatores pedagógicos, sociais e culturais envolvidos nesta política. E nem mesmo valores econômicos e de ocupação do espaço, pois temos o histórico de que as comunidades que tiveram suas escolas fechadas foram abandonadas pelos seus moradores, expulsos pelo abandono do poder público com as localidades onde residiam e tomadas por atividades do agronegócio.

Dessas ações, nos propomos a auxiliar na formação das professoras para que entendam o que é a multissérie e a sua importância para a Educação do Campo, assim como procurar métodos e metodologias para o trabalho pedagógico desenvolvido. Em levantamentos nos documentos da Secretaria Municipal de Educação constatei que desde mil novecentos e setenta e seis, quando foram fundadas as primeiras escolas municipais de Lima Duarte, já havia multisséries. Não existia nenhuma legislação específica para estas turmas, nenhum olhar diferenciado, nenhum recurso didático extra. É como se elas não existissem, como se falar delas fosse um problema que precisa



ser escondido e até mesmo silenciado, fazendo-o com que deixe de existir nucleando em outras escolas, preferencialmente nos centros urbanos e “modernos”.

Na reunião com os vereadores componentes da Comissão de Direitos Humanos e com a secretária de educação, nós, do TRAME, sugerimos que o município desenvolva uma política municipal de Educação do Campo que crie critérios para multisseriar uma turma, de acordo com número de alunos em uma mesma sala, com adicional para professoras, porque pode ser mais interessante valorizar o profissional e gastar menos com transporte e não expor as crianças e os adolescentes aos riscos da estrada e da convivência no ônibus de idades tão distintas. É importante também estabelecer um tempo de deslocamento que os(as) alunos(as) podem ficar no transporte casa/escola, escola/casa. É óbvio que os problemas não se resolverão instantaneamente, mas é preciso planejar e executar ações que possibilitem processos educativos mais saudáveis.

Este reconhecimento da importância e da existência dessas turmas multisseriadas é fundamental para atender de forma qualitativa o direito à educação da população camponesa. Não basta apenas ter essas turmas presentes nos territórios rurais, mas sobretudo que tenham o tratamento diferenciado que demandam. Pensar a organização curricular, espacial e formativa dos profissionais destas turmas é urgente. E, quem sabe, a partir desta proposta repensar o regime seriado adotado nas zonas urbanas do município.

No ano de dois mil e dezesseis, havia dezesseis turmas multisseriadas no município, todas nas zonas rurais. E mesmo com este número expressivo e após quarenta e um anos da abertura da primeira escola municipal, continua sem haver alguma menção a estas turmas nos documentos da prefeitura, no Plano Decenal de Educação, nas Propostas Político Pedagógicas das escolas. Nenhuma ação diferenciada para elas, como se não existissem, tratadas como algo fora do lugar, que deve ser abolida. E o interessante, que apesar do desconforto com as multisséries, a secretária de educação reconhece que não há turmas com todas as crianças no mesmo nível de aprendizagem, que em um quarto ano tem, às vezes, crianças com níveis de primeiro, segundo e terceiro ano. Então esta padronização do aluno é fantasiosa. E ela mesma completa “sem contar que as salas multisseriadas o número ele (de alunos) é bem menor”, reconhecendo pontos positivos nesta organização.

Será que na verdade não temos multisseriação em todos os níveis? Em todas as escolas?

Quando estamos no mundo e refletimos sobre este estar associado às nossas ações neste mundo nos permitimos a criar e nos deparar com resultados inesperados, a transpor os limites das práticas pedagógicas tradicionais e autoritárias. Com ações que permitem a autonomia e a



independência, propondo o empoderamento e a emancipação dos sujeitos. Há trabalhos sendo desenvolvidos em turmas multisseriadas que nos faz perceber que podemos mudar a escola, a forma de nos relacionarmos e o processo de ensino e aprendizagem. Faz-nos compreendermos como seres históricos, e assim capazes de nos comprometer. Comprometer com os alunos, com suas famílias e com a comunidade. Assim discorre Freire (2014), nas nossas relações com o mundo e no mundo temos nossas reflexões estimuladas ou atrofiadas. Não obstante, é preciso ter clareza, que tudo o que há é criação humana, o reacionário e o autêntico. Somos nós que fazemos a história.

#### Referências

ARROYO, M. G. **Políticas de formação de educadores(as) do campo**. Cad. CEDES, Campinas, v. 27, n. 72, p. 157-176, ago. 2007.

\_\_\_\_\_. **Tempos Humanos de Formação**. In: Caldart, R.S; Pereira, I.B; Alentejano, P; Frigotto, G. (Orgs) Dicionário da Educação do Campo. P. 735-741, Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

JANATA, N.E. ANHAIA, E.M. **Escolas/Classes Multisseriadas do Campo: reflexões para a formação docente**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 685-704, jul./set. 2015.

TENÓRIO, E.M; BARROS, O.F; HAGE, S.M. **Impactos da Política de Nucleação e Transporte Escolar na Educação e na Vida dos Estudantes e nas Comunidades do Campo na Amazônia Paraense**. In: Educação do Campo: Políticas e Práticas Educacionais no Pará e no Brasil. Volume II Salomão Antônio Mufarrej Hage (org). Belém: Gráfica Alves, 2012.